

## OS MUITOS TRAÇOS DA CIDADE DE ONTEM: OLHARES SOBRE ALAGOINHAS, 1930-1940\*

Carlos Nássaro Araújo da Paixão<sup>+</sup>

### INTRODUÇÃO

A janela do trem é o local da contemplação, da apreciação da paisagem que passeia pelos olhos. Desfilam montes, morros, caminhos, horizontes, árvores, e casas compondo o cenário que representa uma volta para casa, o regresso à cidade após uma pequena temporada de novas experiências vividas na capital. O pouco tempo não impediu que o contato com as novidades se transformasse em um estado de excitação, fazendo com que uma pequena de 11 anos de idade misturasse de uma vez, o cansaço, os sonhos e o turbilhão de pensamentos de quem jamais havia saído de Alagoinhas, então uma pequena cidade do interior baiano, na década de 1930.

A chegada à sua cidade a faz despertar dos sonhos e dos pensamentos distantes, e rapidamente reconhece a paisagem que lhe é tão familiar. Aparecem então as primeiras casas da Rua 2 de Julho iluminadas pela luz do luar, muitas delas habitadas por funcionários da Leste, logo se aproxima a Estação de São Francisco, sólida construção da segunda metade do século XIX, de onde as linhas férreas bifurcam-se para o centro de Alagoinhas, para Aracajú e para Juazeiro da Bahia, enfim a rua 15 de Novembro onde se faz um pequeno percurso até a Estação da Praça J.J. Seabra, no centro da cidade, chegando assim ao fim da viagem.

A estação e o seu movimento de passageiros, passantes e acompanhantes, seus carregadores barulhentos buscando garantir sua sobrevivência e o encontro com o pai que já estava à espera, “avisado” pelo apito do trem quando da sua entrada na cidade. No caminho até sua residência a passagem por duas das principais praças da cidade.

A primeira, a Praça J.J. Seabra, também conhecida como Praça do Comércio, já se vislumbra na saída da estação, é o principal centro comercial da cidade, a garota aprecia as principais casas comerciais, pode-se observar casas de ferragens, armarinhos, alfaiatarias, bares, consultórios médicos, armazéns e farmácias, em especial “Pharmácia Central”, uma das mais antigas e tradicionais. Os olhos voltam-se para o centro da praça onde um jardim de fícus artisticamente podados completa o cenário de cartão-postal com um coreto em formato de quiosque japonês.

Entusiasmada com o que viveu em sua pequena estadia em Salvador e contando as experiências que experimentou na capital, a menina segue em direção à Praça Ruy Barbosa, ou Parque, como era chamada em virtude do seu conjunto de brinquedos infantis. Acompanhada do pai e de uma companheira de viagem, nossa guia pelas ruas da cidade caminha lentamente pelas calçadas do Parque, segue-se a contemplação das mangueiras seculares, espécie de espíes da praça e testemunhas do progresso e crescimento da cidade e também palco das peripécias infantis e colóquios amorosos de jovens casadoiras e sonhadoras, a paisagem é completada com um harmonioso conjunto arquitetônico. Assim foi o caminho de Joanita até chegar à sua casa na Rua 24 de Outubro, a continuação de um dos lados da praça.

---

\* Texto apresentado como avaliação parcial na disciplina *Teorias, Métodos e Discursos da História*, sob a orientação do Prof. Dr. Charles D’Almeida Santana, do Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local – Mestrado – da Universidade do Estado da Bahia – UNEB – Campus V.

<sup>+</sup> Licenciado em História pela UNEB – Campus II, é aluno regular do Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local da UNEB – Campus V.

A viagem que tanto encantou a garota foi feita no “Pirulito”, que era “um maria-fumaça que saía pela madrugada e chegava num horário bastante elástico: entre dez e meia-noite quando não atrasava muito”<sup>1</sup>. Esse era um meio de transporte muito utilizado pelos alagoinhenses que viajavam para Salvador, afim de “resolver negócios, fazer compras, ou mesmo para assistir aos filmes onde apareciam estrelas famosas como Greta Garbo, Marlene Dietrich e outras em voga na época”<sup>2</sup>. No trem havia algo mais que um simples instrumento para locomoção, a menina observa as várias rodinhas formadas pelas pessoas que viravam os bancos e passavam a longa viagem em animados bate-papos e travando discussões que versavam sobre os mais diversos temas, desde assuntos relacionados à política até o envolvimento amoroso de personagens de rádio-novela. O trem aparece como espaço de sociabilidade, troca de experiência e de informações e símbolo de desenvolvimento do lugar, a menina nos faz recuar a lembranças mais recuadas, “a acontecimentos mais remotos que deram origem à formação da cidade: isto é, a sua história.”<sup>3</sup>, ou seja, de ouvir falar, de conversar, de trocar experiências a garota aprende que há uma forte ligação entre o trem e a formação da cidade. Assim ela continua nos conduzindo para diversos espaços e temporalidades da cidade.

O percurso da viagem com sua paisagem, o meio de transporte, a chegada à cidade e o caminho percorrido após a saída da estação, descritos sumariamente até aqui, poderia ser vivenciado por vários alagoinhenses na década de 1930, ou o relato de viagem na conversa entre duas pessoas ou em um grupo de amigos, mas este foi o modo pelo qual Joanita da Cunha iniciou *Traços de Ontem*<sup>4</sup>, o seu segundo livro de memórias, nos levando a transitar por uma cidade que não existe mais e nos apresentando suas impressões a respeito de aspectos ligados a esta história.

Este será utilizado como indício, pista pela qual tentarei juntar os cacos e fragmentos para chegar a Alagoinhas de 1930 e 1940, ele se apresenta enquanto cenas de situações vividas na cidade neste período, ou seja, através dele buscarei analisar de que maneira Joanita enxerga seu passado e sua cidade, a forma pela qual ela monta e junta pedaços de sua vida dando-lhe um sentido. Analisarei algumas questões relevantes para a reflexão de certa História urbana presentes neste livro de memórias.

### ***Traços de Ontem* como um texto memorialístico**

Este é um trabalho que, apesar da autora não se preocupar em enquadrá-lo em escola literária ou de estilo, pode ser classificado como uma literatura de gênero memorialístico. Marina Maluf em seu inspirador livro *Ruídos de Memória*<sup>5</sup> nos mostra as possibilidades da utilização dos escritos de memória como uma rica fonte histórica. Analisando como tratar estas fontes, suas características, suas particularidades, e de como interrogá-las e abordá-las. Textos que, guardadas as devidas proporções de diferenças de tempo e espaço, são bastante semelhantes à temática trazida por *Traços de Ontem* de Joanita da Cunha. Mulheres que em certo momento de suas vidas resolvem registrar suas memórias através da escrita, tornar públicos fatos que vivenciaram, e isto por diversos motivos, entre os quais, a tentativa de reordenação de um passado caótico e de recuperação de certa posição social perdida com as transformações sofridas pela sociedade.

---

<sup>1</sup> SANTOS; 1987, p.23

<sup>2</sup> Idem.

<sup>3</sup> SANTOS; 1987, p.24

<sup>4</sup> Cf. SANTOS, Joanita da Cunha. *Traços de Ontem*. Belo Horizonte: Graphilivros Editores, 1987.

<sup>5</sup> Cf. MALUF, Marina. *Ruídos da Memória*. São Paulo: Siciliano, 1995.

Tornando aceitáveis as semelhanças entre *Traços de Ontem* e os livros de Brazilia e Floriza<sup>6</sup>, podemos considerar a conjectura de que o texto de Joanita possui “um estatuto literário autônomo e se situa entre a autobiografia e a história: às vezes penetra nos limites desta, às vezes invade o terreno daquela.”<sup>7</sup>. Mas neste caso ressalto as diferenças de um texto onde a escrita está centrada na pessoa da autora e as palavras soam com uma forte carga de afetividade, a ponto de a narração apresentar características poéticas, o decurso de sua escrita traz, entre suas lembranças, um lirismo que lembra um grande poema em forma de prosa.

É um livro de memórias pessoais da autora, no qual ela narra fatos de sua vida que ocorreram na sua infância, adolescência, e juventude durante as décadas de 1930 e 1940, na cidade de Alagoinhas, até sua partida para a cidade de Propriá, no estado de Sergipe, em 1948, “... ela conta a sua história evolutiva de menina, de moça, de solteira, de casada. História que, em síntese, é a própria história da sociedade alagoinhense de seu tempo”<sup>8</sup>. Como livro de memórias pessoais, este diz respeito a eventos ocorridos em sua vida particular, em sua casa e na de parentes e amigos e em outros lugares de seu cotidiano, como a escola e clubes da cidade. Mas este cotidiano é vivido também na cidade de Alagoinhas e compartilhado com outras pessoas, estas formam a “sociedade alagoinhense do seu tempo”. As ruas, as praças, as estações ferroviárias, a linha-ferra, os prédios públicos e privados, estes espaços atravessam a memória da autora, transformando-se em lugares de memória, fazendo com que ela crie significados da cidade, não somente pessoais, mas que pertencem a um determinado grupo, no qual ela está inserida. Neste sentido, Ecléa Bosi<sup>9</sup> nos fala da importância dos espaços na reconstrução da memória, a casa da infância, dos recém-casados, são elementos fundamentais para o processo de rememoração, a rua com seus barulhos e odores formam a base onde se calcam suas reminiscências.

O livro não é um romance com enredo, uma história e personagens arquetípicos, pode ser encarado como o trabalho de uma narradora, Joanita quase que pode ser comparada ao narrador de Benjamim<sup>10</sup>, com ressalvas, pois ela não nos conta apenas as experiências dos outros. Se para Benjamim a arte de narrar é a arte de comunicar e trocar experiências, podemos dizer que através de sua rememoração ela nos põe em contato com experiências outras que desconhecemos como a de um outro tempo de sua vida e de fatos que ficamos sabendo através de sua escrita. Façamos um exercício de imaginação e vislumbremo-la sentada em uma roda em meio a seus filhos e netos, contando-lhes suas peraltices de criança e seu sonho de um dia tornar-se trapezista de circo.

Além disso, traz imagens de uma cidade que não existe mais em um tempo que se passou e que jamais voltará. Joanita se considera capaz de relembrar os fatos de sua vida de maneira fiel, segundo seu prefaciador ela “saberá descrever com exatidão e propriedade as emoções que lhe tocaram intimamente as cordas neuronais da sensibilidade”<sup>11</sup>, neste caso basta ela colocar a memória “em dia” e os fatos vividos outrora desfilarão por sua mente exatamente como ela os vivenciou um dia, ou como se fosse possível ativar a mente e os eventos se mostrarem, virem à tona, como se a memória fosse um projetor, e o livro, a tela de suas lembranças, ou para utilizar a

<sup>6</sup> É a análise da história destas mulheres da decadente elite cafeeira de São Paulo nas primeiras décadas do século XX que Maluf traz em seu livro citado anteriormente.

<sup>7</sup> MALUF; 1995, p.46.

<sup>8</sup> SANTOS; 1987, p.12

<sup>9</sup> Cf. BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: Cia. das Letras, 1994. pp.434-449

<sup>10</sup> Cf. BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1987. pp. 197-221.

<sup>11</sup> SANTOS; 1987, p.10

metáfora do próprio livro, “Tudo nele é narrado com simplicidade e exatidão, como se fora um vídeo - tape...”<sup>12</sup>.

Além disso, esta lembrança é tida como fruto de uma operação natural e espontânea, sem esforços, e acima de tudo, honesta e verdadeira, “um livro honesto, que relata como aconteceu, com singeleza e espontaneidade”<sup>13</sup>, ou ainda, “tudo é claro, natural e espontâneo”<sup>14</sup>, fazendo assim reviver uma outra época, um outro tempo que não retorna, mas que pode ser revivido pelas lembranças.

Neste caso a honestidade, a naturalidade e a espontaneidade serão a todo o momento características exaltadas para se falar do livro. É como se aquilo que Joanita lembrou e escreveu realmente aconteceu daquela maneira, em flashes o seu passado teria vindo à tona e foi fielmente transformado em livro, sem floreios, sem pretensões. São episódios que surgiram pouco a pouco do passado e se nos apresentou, saindo das sombras da memória, em forma de lembranças transformadas em texto.

O lembrar como assistir a um vídeo - tape, a memória como um receptáculo, da qual se pode retirar cenas gravadas no passado e a lembrança como um reviver de uma história que se passou. É deste modo que Joanita concebe, vê o seu trabalho de memorialista.

E serão estas imagens, ou cenas, que captaremos como visão e sensação deste tempo e deste espaço, construídas por alguém que está duplamente estrangeiro neste caso. Joanita é estrangeira, pois está ausente da cidade que retrata há muito tempo, cerca de quarenta anos, não viveu nem experimentou as transformações sofridas pela cidade e seus habitantes e é estrangeira de um tempo que não é mais o seu, do qual restou apenas as lembranças.

O livro nos diz da saudade de um tempo que passou e não volta mais. O tempo das memórias foi reconstruído quarenta anos depois aproximadamente e nos mostra a reconstrução e a re-significação de uma história que não mais pode ser vivida, a não ser através duma lembrança, mais aí já será uma outra época. Saudades e nostalgias marcadas pela desagregação de uma vida social e familiar, marcada pela separação, partida e morte e de um grupo social que começa a perder sua posição devido a transformações que afetam uma cidade. É a partir desta lembrança que tentarei perceber, qual a leitura de cidade Joanita construiu em seu livro, de que maneira ela reconstrói seu passado e o da cidade, através dos rastros deixados por ela em sua escrita.

Apesar de se dizer e de se considerar espontânea, natural, ingênua até, de se acreditar portadora de um discurso verdadeiro, o texto de Joanita como qualquer outro, nunca é inocente, ele é carregado de “um sem número de significados”<sup>15</sup>. É sempre ambíguo e flagrado em contradições, suas análises e descrições que se querem totais e universais, não passam de fragmentos que junto a outros textos não podem nunca dar conta de apreender uma realidade, um passado, uma cidade, sempre fugidios. Para se entender este tipo de objeto é necessário analisar as operações e os processos de mediação da memória.

É preciso constatar que o tempo do narrado e o tempo em que se narra, são dois tempos diferenciados. Quando da lembrança, da narração, da escrita, o indivíduo passou por um processo de amadurecimento, ele não é mais aquele do fato recordado, há uma re-elaboração, uma reinvenção do passado. *Traços de Ontem* é fruto de uma reflexão, de uma análise e um julgamento, o que é relatado no livro passou por um processo de maturação, de recriação, não se chega ao passado puro e simples, muito embora sua autora assim acredite, e sim a uma lembrança dele, crivada de seleção, silenciamentos, apagamentos, reescritas e revisitações deste,

---

<sup>12</sup> SANTOS; 1987, p11

<sup>13</sup> Idem.

<sup>14</sup> Idem.

<sup>15</sup> MALUF; 1995, p.28

rememorar é intervir, é organizar “o caos das imagens guardadas”<sup>16</sup>. A memória seleciona o que fica gravado e o que será registrado, projeta e transfere acontecimentos, personagens e lugares, apaga, recria e constrói um passado – através de um trabalho de organização que recalca, exclui, relembra – que possua um significado e que faça sentido para a pessoa que rememora determinados eventos. A Alagoinhas da autora é uma cidade coberta por várias camadas de sentido. Joanita não levou em conta estas nuances que envolvem o processo de lembrar.

Além disto há uma intensa discussão sobre o caráter da memória<sup>17</sup>, se ela é individual ou social e coletiva, embora este termo cause profundo mal-estar em muitos historiadores, por isso usarei aqui o termo memória social. Mas é inegável que memória sofre a ação de uma memória social, que é partilhada por membros da sociedade, ou de grupos desta. Esta memória possui também um papel importante no binômio lembrança / esquecimento. O contexto social acaba influenciando nos processos de rememoração. Joanita pertence a determinado grupo social da cidade, em suas lembranças aparecem fatos que são representativos de seu grupo social, este pertencimento influencia no momento em que se lembra de alguns acontecimentos e, no entanto, outros são simplesmente ignorados, pois se é ensinado a lembrar e a esquecer, a depender da fração social e das circunstâncias em questão.

É importante ressaltar também que o lugar de onde se fala, e de onde se escreve desempenha uma influência grande na escrita. Valores culturais são compartilhados e mesmo opiniões estritamente pessoais acabam sofrendo em alguma medida as influências de certo ambiente sócio-cultural.

Mas volto mais uma vez a salientar que não se trata absolutamente de algo simples e direto, esta influência do grupo não se dá de maneira inexorável e determinista, há uma interação complexa entre uma memória que é pessoal e uma memória social. Estas memórias tornam-se também alvo de acirradas disputas em conflitos sociais e intragrupais, além de possuírem um caráter inexoravelmente histórico, ou seja, não são absolutamente imóveis, estão sujeitas a constantes transformações, onde as contingências do presente sugerem uma reordenação de determinado passado.

## Os muitos traços da cidade

O passado e os homens do passado deixam rastros, sintomas, pegadas, vestígios e marcas muitas vezes imperceptíveis, e o historiador precisa ter perspicácia, faro, intuição para percebê-los e interpretá-los, pois o passado não é transparente, deixa apenas sinais que precisam ser elucidados. No trabalho com as fontes, que são os vestígios do passado, os seus cacos, devem ser observados seus detalhes, aquilo que poderia passar despercebido, é preciso decifrar os enigmas presentes nas fontes, elucidar possíveis enredos e revelar os segredos, sentidos e tornando inteligíveis as vozes do passado que nos chegam.

É necessário utilizar um método no trato com as fontes, de uma estratégia, de um saber-fazer, é preciso desenvolver uma maneira de trabalhar os rastros que nos chegam do passado, fazer a pergunta correta à fonte correta, para tentar decifrar um traço que escapa. Enquanto inspiração de trabalho metodológico sou simpatizante do paradigma indiciário<sup>18</sup>, proposto por Carlo Ginzburg, neste o historiador é comparado ao detetive, ao médico e ao crítico de arte.

<sup>16</sup> MALUF; 1995, p29

<sup>17</sup> As discussões acerca do caráter e das operações da memória podem ser conferidas nos textos da Marina Maluf, onde ela dialoga com Halbwachs e Bosi, também no texto da Ecléa, no qual ela trava um interessante diálogo com Bérghson e Halbwachs, principalmente.

<sup>18</sup> Cf. GINZBURG, Carlo. *Mitos, Emblemas, Sinais: morfologia e história*. São Paulo: Cia das Letras, 2003. p. 143.

Vejam agora que sinais, marcas e como o próprio título do livro indica, que traços a Joanita nos deixou da cidade de Alagoinhas, em 1930, 1940. Mas vale ressaltar que esta não é a única imagem de cidade existente e, para apresentar uma visão mais plural, lançarei mão de outras fontes que, de uma maneira ou de outra, nos levam a enxergar uma outra cidade, uma outra maneira de vivenciar o urbano. Estas fontes são os Anais da Câmara dos Vereadores da cidade de Alagoinhas<sup>19</sup>, mais especificamente, livros de Ata das sessões, que de uma maneira fragmentária cobrem o período proposto e livros de Ofícios e Requerimentos, através dos quais os vereadores dirigiam suas petições, principalmente para o poder executivo municipal.

Tomando como referência o aspecto espacial, a Alagoinhas de Joanita se restringe em larga medida à área central da cidade, é partindo do centro que ela narra suas vivências no espaço urbano. Retomando a introdução deste texto, verifica-se que é nesta área ela que começa apresentando a cidade, são as duas principais praças que emergem primeiramente de sua narrativa.

Antes é necessário definirmos o que será compreendido por centro neste texto. Isto porque ele pode parecer demasiadamente ambíguo ou generalizante. No texto utilizarei este termo para me referir à área da cidade formada pelas praças J.J. Seabra, Ruy Barbosa, do Mercado, da Bandeira e suas ruas adjacentes.

De um lado temos a Pça. J.J. Seabra, com as principais casas comerciais, onde “estavam estabelecidos os maiores comerciantes da cidade”<sup>20</sup>, sendo o mais importante o Cel. Saturnino da Silva Ribeiro, que além de proprietário de trapiches e armazéns, enveredou pela política, sendo Intendente por duas oportunidades, e várias vezes conselheiro e vereador, chegando à presidência da Câmara no período de 1934-1937<sup>21</sup>. Ao redor da praça existiam inúmeras casas comerciais dos mais diversos ramos, além de serviços como consultórios médicos. Era também daí que se irradiava a feira-livre que animava a cidade todos os sábados.

Do outro lado temos a Pça Ruy Barbosa, antiga Pça. do Cruzeiro. Esta “foi remodelada na ocasião da inauguração da luz elétrica em 29”<sup>22</sup>. A luz elétrica, Ruy Barbosa, esta localidade povoa o imaginário da Joanita, transformando em símbolo do progresso citadino. É nesta praça que ela observa aquelas que são “as melhores casas residências”, formando um “conjunto arquitetônico simples e harmonioso”<sup>23</sup>. Este é o local de suas brincadeiras de infância e de suas primeiras aventuras amorosas da mocidade.

Esta relação de Joanita com o centro da cidade não é por acaso, existe aí um aspecto afetivo de grande relevância e uma questão de se ressaltar o lugar de onde se fala. Ela viveu até o seu casamento em uma “rua que é a continuação de um dos lados da praça [Ruy Barbosa]. Era a Rua 24 de Outubro...”<sup>24</sup>. Era uma rua movimentada, onde ela acreditava que grande parte do movimento da cidade passava por aí e de onde se podia observar o vai-e-vem dos feirantes aos sábados. Tinha ainda a casa de seus avós maternos que “ficava na rua Conselheiro Saraiva, próxima à Praça Ruy Barbosa...”<sup>25</sup>, de onde as brincadeiras vez por outra acabavam no parque.

Aliado a isto, a nossa autora era freqüentadora do Salão Moderno, que era uma espécie de bar, localizado “perto da praça do Comércio, à rua Anísio Cardoso, quase em frente à Prefeitura

<sup>19</sup> A documentação encontrada nos anais da Câmara de Vereadores de Alagoinhas até o presente momento, referentes às décadas de 1930-1940, consiste em 5 livros de Ata, caixa contendo livros de Ofício, caixa contendo livros de requerimentos e caixa contendo Projetos de Lei.

<sup>20</sup> SANTOS; 1987, p.20

<sup>21</sup> Estas informações podem ser conferidas em três livros de Ata de sessões da Câmara Municipal.

<sup>22</sup> SANTOS; 1987, p.21

<sup>23</sup> Idem.

<sup>24</sup> SANTOS; 1987, p.22

<sup>25</sup> SANTOS; 1987, p.52

Municipal...”<sup>26</sup>, local de encontro onde aconteciam discussões a respeito de assuntos políticos e de assuntos informais entre amigos. Todos estes locais citados até aqui dizem respeito a um pequeno espaço circunscrito ao centro da cidade e que Joanita apresenta quase que inteiramente como os lugares dignos de nota. É claro que outros espaços citadinos aparecem, mas isto acontece de forma bastante insignificante. Como por exemplo, a “pitoresca e agradável” Alagoinhas Velha, local que possuía muitas chácaras e tido como ótimo ambiente para o gozo de férias.

É justamente o centro da cidade que se torna alvo principal das preocupações do poder público no período estudado. Estas preocupações estão relacionadas a uma tentativa, a uma vontade de dotar Alagoinhas de características que eles acreditam ser de progresso e civilização, além de tentar contribuir para que a cidade possa obter melhoramentos estéticos. Isto de alguma forma revela que a cidade carecia destas qualidades estéticas dignas de nota. A própria Joanita nos diz que “As ruas de Alagoinhas são largas e planas. As construções são baixas, e talvez por isso, a cidade dá a impressão de uma visão mais ampla.”<sup>27</sup>. E era justamente para tentar modificar este aspecto que os vereadores estavam buscando regulamentar os modelos de construção da cidade.

As regulamentações versavam sobre os mais diversos assuntos relacionados às construções. Havia regularização sobre o tempo da construção de passeios em ruas com meio-fio, taxaço sobre “casas arruinadas” localizadas em ruas com meio-fio e que não fossem concluídas nos prazos estabelecidos<sup>28</sup>, regulamentação sobre os modelos de plantas utilizadas<sup>29</sup>, concessão de isenção de impostos para quem construísse prédios novos de acordo com as normas estabelecidas pelas posturas municipais<sup>30</sup>. Todas estas medidas visavam tão somente “remodelar e dotar a cidade de uma boa estética”<sup>31</sup>. É uma vontade que pode indicar uma falta, na ânsia de tornar Alagoinhas “civilizada”, sua elite deixa escapar em sua fala aquilo que precisa ser negado, escondido, o fato de que Alagoinhas está longe de ser uma “cidade progresso”.

Nos discursos, ofícios e requerimentos os vereadores mostram-se preocupados em dotar a cidade com aspectos de civilidade, estão a todo o momento desejando que alagoinhas não seja “destituída dos foros de cidade civilizada”, está aí um termo recorrente nos documentos oficiais. Através dos ofícios e requerimentos produzidos pela Câmara Municipal de Alagoinhas podemos assistir ao desfilar dos problemas enfrentados pela cidade. Isto pode ser possível porque, antes mesmo de fazer a petição, os requerentes elencavam uma série de justificativas para o pedido e muitas destas apareciam como uma espécie de diagnóstico, transformando-se em uma rica fonte de pesquisa para quem deseja se inteirar da situação vivida pelos habitantes da cidade no período.

A fala de Joanita que parte de um determinado lugar, socioeconômico e espacial, tende a mitigar e tratar os problemas da cidade com eufemismo, se restringindo em todo o texto a lamentar a falta de infra-estrutura em sua casa na década de 1920<sup>32</sup>, e da fraca iluminação da cidade em pequenos trechos do livro. Mas ao que parece não eram poucos os problemas que a cidade enfrentava e que esta elite precisava solucionar para que Alagoinhas ganhasse o estatuto de cidade moderna.

---

<sup>26</sup> SANTOS; 1987, p.35

<sup>27</sup> SANTOS; 1987, p.69

<sup>28</sup> Atas da Câmara, sessão do dia 28 de Julho de 1932.

<sup>29</sup> Atas da Câmara, sessão do dia 04 de Agosto de 1932.

<sup>30</sup> Atas da Câmara, sessão do dia 22 de Outubro de 1948.

<sup>31</sup> Atas da Câmara, sessão do dia 04 de Agosto de 1932.

<sup>32</sup> SANTOS; 1987, p.57

Agora vejamos ao menos um desses problemas. Este era o que aparentemente mais preocupava as autoridades, era a questão da luz elétrica. Até o ano de 1929, a cidade não era servida por energia elétrica, neste ano ocorreu a inauguração da Usina do município, fato este muito festejado, inclusive com a inauguração da Praça Ruy Barbosa, e neste caso temos um fator simbólico muito importante, quem poderia ser mais civilizado que o famoso jurista baiano? Acontece que esta usina já nasceu obsoleta e não eram todos os pontos da cidade servidos pela luz elétrica e os que possuíam eram mal servidos. A cidade cresceu, mas o serviço não acompanhou a demanda, sendo assim, “a luz, alguns anos depois de inaugurada, tornou-se deficiente. A cidade era mal iluminada”<sup>33</sup>, isso nos locais onde ela existia.

Nas documentações<sup>34</sup> que tive acesso, são inúmeras as discussões e pedidos referentes ao problema da iluminação pública, desde dívidas contraídas com a instalação da usina, até problemas de escuridão em ruas do centro da cidade em fins da década de 1940, passando pelo pedido de empréstimo ao governo estadual, visando resolver este problema, mesmo me restringindo até o final de década de 1940, pude perceber pela documentação, que a cantilena ainda se arrastou por longos anos.

Esta questão preocupava os poderes públicos porque os fazia cair na realidade e ver que ainda faltava muito para que Alagoinhas atingisse o grau desejado de civilidade, mas é inegável que isto acabava interferindo na qualidade de vida da população. Este fato impedia o livre acesso da população à noite, principalmente nos bairros mais afastados.

Joanita afirma que era hábito na cidade, as famílias se reunirem à noite para tomar “fresco”, conversar e contar casos acontecidos na terra<sup>35</sup>. Mas acredito que ela não estava ciente da situação enfrentada pelas famílias que moravam nas ruas, 1º de Janeiro, 14 de Janeiro, 2 de Julho e Pça Santa Izabel, que através de um abaixo-assinado e por intermédio do vereador Almiro de Carvalho Conceição requeria”ao poder executivo que mande prosseguir a iluminação pública nas ruas acima mencionadas, afim de que seus moradores não continuem privados de chegarem às janelas de suas casas, à noite, nem tão pouco de ir ao centro da cidade pela escuridão reinante.”<sup>36</sup> Se no centro da cidade a iluminação era deficiente, nas localidades mais afastadas ela praticamente inexistia, tornando ruas como a do Jacaré intransitáveis à noite, onde seus moradores sofriam com a escuridão reinante e com o matagal existente no local<sup>37</sup>.

Este era apenas um dos muitos problemas afligiam os alagoinhenses neste período. Posso citar vários outros como, por exemplo, inundações próximo ao Rio Catu, gerando inclusive problemas de saúde pública, dificuldade de acesso à Alagoinhas Velha devido a um riacho que sempre inundava, mais problemas de inundação na Rua 2 de Julho, epidemias de varíola e impaludismo, irregularidades no transporte da carne para os açougues causando transtornos para a saúde dos consumidores, entre outros. Por hora fiquemos por aqui, em outra oportunidade estes outros casos serão melhor analisados.

A questão da luz foi escolhida porque, primeiro ela povoa os imaginários de muitos como um símbolo de modernidade e civilização, e sua chegada em Alagoinhas, uma pequena cidade do interior baiano na primeira metade do século XX, causou uma grande impressão de que finalmente a cidade estava seguindo os trilhos do progresso, e de outro porque este símbolo, este sonhou rapidamente quase que transformou-se em pesadelo, pois em toda a documentação analisada as referências e as preocupações com o problema são inúmeras.

---

<sup>33</sup> SANTOS; 1987, p.69

<sup>34</sup> Op. Cit.

<sup>35</sup> SANTOS; 1987, p.64

<sup>36</sup> Requerimento nº 18, do dia 07 de maio de 1948, de autoria do Ver. Almiro de Carvalho Conceição.

<sup>37</sup> Requerimento nº 40, do dia 20 de agosto de 1948, de autoria do Ver. Almiro de Carvalho Conceição.

## Considerações finais

Este texto se caracterizou até aqui por trazer explícita uma tentativa que pretende delinear um caminho a ser seguido ao longo da pesquisa e que deverá ter como resultado a apresentação de uma dissertação ao final do curso de pós-graduação. Justamente por este motivo ele não trouxe vãos muito altos e ousados, no qual houve uma clara intenção de elencar apenas alguns questionamentos iniciais que serão desenvolvidos daqui por diante.

Mesmo se tratando de um trabalho inicial e ainda sem muitas pretensões, este foi utilizado como uma espécie de ensaio para que as questões apresentadas aqui possam servir de norte e ser ampliadas no decorrer do tempo. As relações entre o texto de Joanita e a cidade, as características e a natureza deste texto e as muitas visões que esta cidade pode suscitar em seus vários sujeitos históricos estão de alguma forma inseridos na ordem do dia apresentados aqui.

Agora é preciso ampliar estas questões e se surgirem outras incluí-las no objetivo mais amplo, que visa tornar mais claro o caminho da pesquisa. Neste sentido faz-se necessário primeiramente ampliar o leque de fontes, trazendo para o trabalho a totalidade das fontes dos Anais da Câmara que foram utilizadas parcialmente aqui e com isso gerar uma visão mais ampla dos problemas tratados, além disso, trazer outras fontes, como por exemplo, os jornais e somente desta forma a pesquisa apresentará uma “cara” mais completa. Aliado a isto, preciso também ampliar o meu diálogo com a bibliografia para obter maior consistência em meus argumentos e suscitar outros questionamentos relevantes para o tema proposto. Mas para os objetivos delineados por este texto, acredito que minhas escolhas foram felizes, uma vez que pude começar a delinear um diálogo entre diferentes fontes e a bibliografia, e que valeu como um esforço e um treinamento para o desenvolvimento de uma narrativa histórica.

## Referências

- BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.
- GINZBURG, Carlo. *Mitos, Emblemas, Sinais: morfologia e história*. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.
- MALUF, Marina. *Ruídos da Memória*. São Paulo: Siciliano, 1995.
- SANTOS, Joanita da Cunha. *Traços de Ontem*. Belo Horizonte: Graphilivros Editores, 1987.